

**NARRATIVAS,
PATRIMÔNIO DIGITAL E
PRESERVAÇÃO DA
MEMÓRIA NO FACEBOOK**

NARRATIVES, DIGITAL
HERITAGE AND PRESERVATION
OF MEMORY ON FACEBOOK

NARRATIVAS, PATRIMONIO
DIGITAL Y PRESERVACIÓN DE LA
MEMORIA EN FACEBOOK

Rosalí Maria Nunes Henriques^{1, 2}

RESUMO

A internet é um lugar de memória? Tendo como ponto de partida essa indagação, o objetivo deste trabalho é apresentar discussões sobre a proliferação das narrativas nas redes sociais e como a memória que emerge dessas narrativas são parte do patrimônio digital de um determinado grupo social. Além disso, discutimos o conceito de patrimônio digital e suas implicações no panorama atual da memória social. As redes sociais, além de suas funções comunicativas e sociais, tornaram-se espaços de registro e preservação de memórias e armazenadoras dos rastros digitais memoriais. Dessa forma, o Facebook acaba reivindicando para si um “lugar de memórias” na internet.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; patrimônio digital; narrativas; Facebook.

¹ Doutora em Memória Social (UNIRIO), mestra em Museologia (ULHT, Portugal), especialista em Arquivologia (USP) e graduada em História (UFJF). É vice-líder do grupo de pesquisa Comunicação, Memória, Cultura e Cidade do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM/UFJF). Consultora Museu da Pessoa na área de acervo. E-mail: rosalih@gmail.com.

² Endereço de Contato da autora (por correio): Museu da Pessoa. Rua Natingui - 1039/1040, Vila Madalena 05443002 - São Paulo, SP – Brasil.

ABSTRACT

Is the internet a place of memory? Starting from this question, the objective of this work is to present discussions about the proliferation of narratives in social networks and how the memory that emerges from these narratives are part of the digital heritage of a certain social group. In addition, we discuss the concept of digital heritage and its implications in the current panorama of social memory. Social networks, in addition to their communicative and social functions, have become spaces for the recording and preservation of memories and storehouses of digital memorial trails. In this way, Facebook ends up claiming for itself a "place of memories" on the internet.

KEYWORDS: Memory; digital heritage; narratives; Facebook.

RESUMEN

¿Internet es un espacio para las memorias? Usando esta cuestión como punto de partida, el objetivo de este trabajo es presentar discusiones sobre la proliferación de las narraciones en las redes sociales y como las memorias que surge de estas narraciones son parte del patrimonio digital de un determinado grupo social. Además, discutimos el concepto de patrimonio digital y sus implicaciones en el panorama actual de la memoria social. Las redes sociales, mas allá de sus funciones comunicativas y sociales, se han convertido en espacios de registro y preservación de memorias y almacenadoras de los rastros digitales de memorias. De esta forma, Facebook reivindica su posición como "lugar de memorias" en internet.

PALABRAS CLAVE: Memoria; patrimonio digital; narraciones; Facebook.

Recebido em: 13.02.2017. Aceito em: 15.07.2017. Publicado em: 01.08.2017.

Introdução

A *internet* é um espaço de narrativas: histórias do cotidiano e da memória do presente. É um lugar de histórias, ideias e opiniões. E, as redes sociais são a face mais visível desse fenômeno porque além de sua configuração original como espaços de interação social, de troca de afetos e de comunicação, elas passaram a ocupar uma espécie de um lugar digital de memória. A rede social *Facebook* pode ser facilmente reconhecida como uma plataforma onde interações acontecem em diversos campos: afetivo, cognitivo, social e político. Encontramos desde álbuns de família e arquivos compartilhados entre alunos de uma mesma turma de faculdade, até recrutamentos para manifestações de protesto e petições para destituição de membros de governos.

Desde os mais primitivos tempos, passando pelos *griots*, pela tradição oral, pela história oral ou em diários de meninas, as narrativas de memória foram sempre na perspectiva do presente, com a reflexão de algo que já passou e com o objetivo de trazer alguma lição para o futuro. Ao postar fotos e textos em tempo real no *Facebook*, os usuários da *internet* estão produzindo registros e postando-os no momento exato da produção do fato. O registro é do momento instantâneo para um presente também instantâneo, quase como que um presente-passado e um presente-presente, que podemos chamar de atual. Essa memória do presente é uma memória efêmera e imediata, compartilhada em tempo real com amigos e familiares. Esta, que podemos chamar de memória compartilhada, seria uma espécie de memória imediata e, ao mesmo tempo mediada pelo espaço virtual da *internet*, o ciberespaço.

A memória é seletiva, não guardamos tudo, mas apenas uma parcela do que nos aconteceu durante a vida, ou é assim que lembramos. E nem sempre o que guardamos é aquilo que queremos guardar e nem selecionamos o que

guardar, mas o que restou em nossa memória. E a memória na *internet*? Podemos afirmar que memórias compartilhadas no *Facebook* são memórias preservadas? O ato de "postar" registros no Facebook pode ser considerado uma ação de preservação de memória? Sendo assim, seriam as redes sociais espaços de preservação e divulgação da memória das pessoas na internet? A produção e a reprodução de registros memoriais na *internet*, principalmente nas redes sociais, provocam um excesso de informações que disseminadas poderão servir à preservação da memória digital. O excesso de produção de narrativas na internet, mas principalmente no *Facebook* pode servir à preservação de uma memória do presente e do cotidiano. O excesso de memória na *internet*, no entanto, pode apresentar duas faces: de um lado, o excesso como preservação e por outro lado, o excesso como excedente.

As narrativas de memória e a *internet*

Quando discutimos sobre a relação entre memória e *internet*, não podemos deixar de abordar os processos de registros de narrativas sobre o passado, seja através de textos ou de imagens postadas nos *sites*, *blogs* ou nas redes sociais. Em primeiro lugar, podemos fazer uma breve digressão sobre o fenômeno das narrativas. As pessoas normalmente narram suas histórias de forma a montar um mosaico da sua própria vida. Nesse caso, é a visão atual do mundo que é transmitida na narrativa. Por isso, a atividade de contar história é sempre temporal. Para Bosi (1994), que trabalhou com narrativa de idosos moradores da cidade de São Paulo, "A narração é uma forma artesanal de comunicação. Ela não visa a transmitir o 'em si' do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa" (BOSI, 1994, p. 88).

Ainda sobre a forma como as pessoas narram suas histórias, é importante lembrar que as narrativas não são apenas através da fala, mas dos gestos, do nosso corpo. Além disso, nossa história não é somente o que narramos, mas os objetos que nos acompanham durante a nossa vida.

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela sua voz. Tira segredos e lições que estavam dentro das coisas, faz uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana. (BOSI, 1994, p. 90).

Benjamin (1994), no ensaio “O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”, discute o papel do narrador e das narrativas tradicionais na modernidade. Para o autor, instalou-se uma crise da memória e da narração, pois “a arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção.” (BENJAMIN, 1994, p. 201). No entanto, ele alerta que este não é um fenômeno recente ou uma característica “moderna”. Para ele, o que vai causar a morte da narrativa é o surgimento do romance no início do período moderno, pois ele não alimenta as tradições orais. É preciso, dessa forma, resgatar as narrativas orais, pois:

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. (BENJAMIN, 1994. p. 205).

Benjamin defende que as narrativas orais se baseiam muito na experiência que é passada de pessoa a pessoa, ou seja, nossa história não é somente o que narramos e o que lembramos de nossa vida, mas também de outras vidas que se entrelaçam com a nossa trajetória: as histórias de nossos

antepassados que nos foram narradas por nossos pais, tios e avós. Para Benjamin (1994), as melhores narrativas escritas são aquelas em que não há distinção entre a oralidade e a escrita, uma vez que elas alimentam a tradição oral. Gagnebin (1994) afirma que, no entanto, ao fazermos uma análise apressada do texto "O Narrador", de Benjamin, ficamos com a ideia de que ele vaticina a morte da narrativa, mas o que Benjamin reforça é a sensação de apagamentos dos rastros, sensação advinda daqueles que estiveram nas trincheiras na Primeira Guerra Mundial. Segundo Gagnebin (1994) Benjamin faz uma diferenciação entre a palavra *Erfahrung* (experiência) que se opõe à palavra *Erlebnis* (vivência). A vivência permite ao burguês deixar os rastros de sua existência em sua casa, na posse da imensidão de objetos pessoais, principalmente de veludo. Para Benjamin (1994), o veludo significa algo que permite a aderência dos restos memoriais, em contraponto ao vidro, presente nas casas desprovidas de objetos que evocam memórias.

As memórias são sempre construídas no presente, a respeito de um passado, mas que se ancora no futuro, pois "a memória dá ao homem a ilusão de uma unidade com seu passado, mas o faz sempre da perspectiva do presente" (CAMPOS, 1992, p. 51). O processo de contar e recontar episódios de nossa vida pode ser feito de várias formas, em livros autobiográficos, diários, etc. As memórias registradas em livros, ou mesmo através da *internet*, não podem ser dissociadas de um processo ficcional, pois ninguém recorda e registra exatamente como aconteceu, mas o que restou de lembrança e esquecimento do que se passou. De acordo com Lyotard (1989, p. 52), "A forma narrativa obedece a um ritmo, ela é a síntese de uma métrica que compassa o tempo em períodos regulares e de uma acentuação que modifica o comprimento ou a amplitude de alguns deles".

Sobre a memória do presente, Virilio (2006, p. 103) afirma que para o aparecimento de uma memória coletiva na *internet* é preciso que haja narrativa, e que “a memória do tempo presente consiste em dilatar esse tipo de narrativa”. Mas como é o processo de narração e memória na *internet*? Podemos afirmar que as narrativas na *internet* são diferentes das narrativas orais ou escritas? Sobre este aspecto é interessante verificar que Santaella (2007, p. 84) afirma que “O computador não nos coloca apenas diante de um novo tipo de tecnicidade, mas traz consigo uma linguagem “cibrida”, ou seja, o hibridismo sígnico e midiático que é próprio do ciberespaço”. Esse hibridismo, próprio do ciberespaço, chamado também hipermídia, possibilita a integração desses conteúdos. Segundo Santaella (2007, p. 85),

Diferentemente da revolução gutenberguiana, a hipermídia não incide apenas no modo como se produz e reproduz a escrita. Embora também envolva esse aspecto, a hipermídia vai muito além. Trata-se de uma nova maneira de se produzir o texto escrito na sua fusão com as outras linguagens, algo que transforma a escrita no seu âmago, colocando em questão a natureza mesma da escritura e dos seus potenciais.

Sobre o uso do *Facebook* no registro de narrativas, a professora britânica Garde-Hansen (2009) afirma que as histórias pessoais apresentadas pelo *Facebook* não são necessariamente a nossa vida tal como ela se passou, nesse caso, não é absolutamente correto afirmar que os jovens utilizem as redes sociais para registrar sua história, mas como um espaço de registro de acontecimentos. Para a autora, o poder da palavra escrita e da linearidade ajuda a organizar e decodificar o passado de forma ordenada e temporal, mas sozinhos não dão conta dos processos de lembrança e esquecimento que enriquecem a memória. Dessa maneira, conforme a autora, não são apenas os registros pessoais (textos, fotos, etc.) no *Facebook* que apresentam uma

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n5p123>

narrativa sobre cada pessoa, mas também as contribuições dos amigos transformam a página pessoal em um arquivo pessoal digital de histórias. Para Garde-Hansen (2009), as redes sociais são um sintoma da necessidade de apresentar espaços de identidade, de histórias e de memória na *internet*.

Murray (2003), em seus estudos sobre as narrativas de jogos *online* na *internet*, aponta quatro propriedades essenciais no ambiente digital que o torna um poderoso veículo de criação literária. Segundo esta autora os ambientes digitais são procedimentais, participativos, espaciais e enciclopédicos. Em termos procedimentais, ela aponta que o ambiente digital é um motor, no qual os procedimentos colaboram com as estruturas das narrativas. Ou seja, as redes sociais fomentam os registros dessa memória cotidiana, apresentando aplicativos e formas de elaboração de narrativas de memória. Em segundo lugar, ela aponta que os ambientes digitais favorecem a participação e a interação entre as pessoas. Como os ambientes digitais são imersivos, ela aponta que eles favorecem a espacialidade e o enciclopedismo. Segundo a autora, a *internet* possibilita a criação de narrativas em forma de mosaicos, formando justaposições, tal como acontecem nas narrativas do cinema. As narrativas registradas nas redes sociais seriam mosaicos que possibilitam uma leitura da memória social através das junções de seus vários pedaços. Nesse sentido,

(...) o computador oferece-nos maneiras de dominar a fragmentação.
(...) Ele nos proporciona um caleidoscópio multidimensional, com o qual podemos reagrupar os fragmentos tantas vezes quantas quisermos, e permite que transitemos entre padrões alternados de organização em mosaicos. (MURRAY, 2003, p. 155).

Deve-se salientar que a narrativa esteve sempre presente na história do homem, desde as culturas orais primárias, até a era das novas tecnologias

(ONG, 1998). Em sua obra "O gesto e a palavra", Leroi-Gourham (1983, p. 59) afirma que a história da memória pode ser dividida em cinco períodos: "o da transmissão oral, o da transmissão escrita por meio de tábuas ou índices, o das fichas simples, o da mecanografia e o da seriação eletrônica". Com base nessa classificação podemos afirmar que as narrativas ganharam contornos novos, mas a essência da narração é a mesma desde os primitivos *griots* até as redes sociais, pois não há grandes mudanças nas formas narrativas. A partir do desenvolvimento da escrita e, posteriormente, com o surgimento das mídias (fotografias, vídeos), algumas mudanças foram efetuadas na forma, mas não no conteúdo das narrativas. Nas redes sociais, assim como no diário de Helena Morley (1998), por exemplo, o que está sendo narrado são os eventos cotidianos. A convivência entre as formas narrativas é a chave para entender a dinâmica das histórias na *internet*, sejam elas publicadas em *blogs* ou nas redes sociais.

Sobre o conceito de patrimônio digital

Em relação ao patrimônio digital é preciso, em primeiro lugar, elucidar o conceito, separando-o em duas partes: patrimônio e digital. Patrimônio vem da palavra latina *patrimonium* e significava, no interior da sociedade romana, a transmissão de bens e heranças (HARTOG, 1998). Para Chagas (1996), o termo patrimônio está vinculado a uma herança paterna, passada de pai para filho no seio da sociedade. O conceito de patrimônio nacional, concebido como patrimônio de domínio público, acessível a todo cidadão, surgiu após a Revolução Francesa (CHOAY, 2006. HERNANDEZ, 2002). Após os atos de vandalismo cometidos durante o período revolucionário, surge, entre os especialistas, a ideia de que o patrimônio deveria ser tutelado pelo Estado para

evitar que ele fosse destruído por problemas políticos ou religiosos. Segundo Choay (2006), foi a partir de medidas tomadas pelos revolucionários, para a salvaguarda dos bens da nobreza, que corriam o risco de serem destruídos, que o patrimônio começa a ser entendido como uma questão crucial na Europa.

Quanto ao conceito de digital é necessário esclarecer que ele só é possível a partir de um processo de digitalização, enquanto o virtual já é uma realidade em si. Para Gubern (1996), a imagem digital é uma matriz de números, contida na memória de um computador, ou seja, a imagem digital é a representação de uma imagem real, em formato informático (código binário). O autor utiliza os postulados de Aristóteles sobre a potência e faz uma distinção entre a produção da imagem e o seu resultado. A potência, para Aristóteles é possibilidade do vir a ser. Quanto ao digital, ele se configura no campo da representação. Nesse sentido, podemos dizer que o digital é a representação em código binário de um determinado conteúdo. A digitalização é a transformação de algo físico em objeto digital ou binário. Diferentemente dos objetos nascidos digitais, os objetos digitalizados possuem um rastro físico. Um exemplo de um objeto nascimento digital é a arte fractal que tem sua origem em uma equação matemática.

O surgimento da *internet* é um marco para o nascimento do conceito de patrimônio digital. No entanto, enquanto uma categoria de pensamento, utilizando o conceito preconizado por Gonçalves (2009), o patrimônio digital ainda é muito discutido e discutível. Como esse autor aponta, "o patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir" (GONÇALVES, 2009, p. 31). Partindo dessa premissa, então como podemos definir o que é patrimônio digital e como agir para a sua preservação? O patrimônio digital seria aquele produzido em forma de código binário e disponibilizado pela *internet*? Porque é preciso deixar claro a diferença entre a

digitalização de um patrimônio e a criação digital de um determinado patrimônio. Ao digitalizarmos um determinado patrimônio de um museu e criarmos um museu virtual, por exemplo, estamos ampliando a capacidade de divulgação daquele patrimônio. Nesse caso, o patrimônio físico já existe. O digital está sendo usado como uma representação ou uma simulação do físico. O segundo caso, seria daquele patrimônio nascido digitalmente. Aí entrariam todo tipo de informações em forma de texto, imagens, vídeo e uma série de documentos criados digitalmente, sejam através de aparelhos digitais, tais como câmeras fotográficas, *tablets* ou celulares, ou através da *internet*.

A discussão sobre o patrimônio digital aparece pela primeira vez durante a 32ª Conferência da Unesco, em 2003, quando discute-se o conceito de patrimônio imaterial. Durante a convenção foi aprovada a Carta do Patrimônio Imaterial e discutido um projeto de carta para o patrimônio digital³. Em seu preâmbulo, o documento aponta que o projeto de carta é uma declaração de princípios e que o objetivo é ajudar os estados membros a definir suas políticas nacionais e atender ao interesse público para a preservação do patrimônio e acesso ao patrimônio digital. Segundo a Unesco⁴, o patrimônio digital é:

(...) composto de materiais digitalizados de valor permanente que devem ser mantidos para as gerações futuras. O patrimônio digital emana de diferentes comunidades, indústrias, setores e regiões. Nem todos os materiais digitais são de valor duradouro, mas aqueles que são exigem preservação ativa.

³ Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001311/131178f.pdf>. Acesso em: 10/05/2017.

⁴ UNESCO. Concept of Digital Heritage. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/en/communication-and-information/access-to-knowledge/preservation-of-documentary-heritage/digital-heritage/concept-of-digital-heritage/>. Acesso em 10/05/2017. Tradução livre.

Na realidade, o que vemos são algumas iniciativas tímidas de alguns governos ou instituições sobre a matéria, havendo ainda há um longo caminho a ser trilhado. Uma discussão que é sempre pertinente em relação aos patrimônios é a questão da perda. José Reginaldo Gonçalves, ao discutir o processo de criação do IPHAN no Brasil, discute a retórica da perda sempre presente na maioria dos discursos sobre o patrimônio. Para o autor, “O patrimônio é narrado como num processo de desaparecimento ou destruição, sob a ameaça de uma perda definitiva” (GONÇALVES, 2002, p. 31). Para ele, há uma oposição entre a construção de um patrimônio cultural e sua destruição. Nesse sentido, a ameaça ao patrimônio é também uma ameaça à nação. Esse discurso da perda reflete-se também na questão do patrimônio digital. Ao contrário de outros patrimônios tais como, sítios, monumentos e/ou o patrimônio imaterial, o patrimônio digital sofre ainda de falta de definições claras sobre o seu próprio conceito.

Dessa maneira, para entendermos a discussão sobre patrimônio digital é preciso estudar as características da *internet*. Para Castells (2002), o surgimento da *internet* permitiu a criação de um novo paradigma: o da tecnologia da informação e aponta cinco características sobre ele⁵. A primeira característica é a sua **matéria-prima**, que é a informação, ou seja, são tecnologias para agir sobre a informação e não apenas informação para agir sobre a tecnologia. Um segundo aspecto diz respeito à **penetrabilidade dos efeitos** das novas tecnologias. Todas as atividades humanas são moldadas pelo novo meio tecnológico, salienta o autor. Como terceira característica ele aponta a **lógica de redes** como um elemento essencial neste novo paradigma. Em quarto lugar surge a **flexibilidade**, ou a possibilidade de reconfiguração das

⁵ Para a definição do paradigma da informação, Castells baseou-se na concepção de paradigma tecnológico enunciado por Carlota Perez, Christopher Freeman e Giovanni Dosi.

redes e organizações. E, por fim, a quinta característica do paradigma tecnológico é a possibilidade de **integração** entre os sistemas, ou seja, a convergência tecnológica entre equipamentos eletrônicos. Neste sentido, Negroponte (1996) defendia que a convergência tecnológica seria o grande passo para o futuro; ela possibilitaria ao homem cada vez mais usufruir das novas tecnologias que fazem parte de seu cotidiano. No entanto, devemos elucidar o quanto as novas tecnologias podem influenciar na preservação do patrimônio digital.

Choay (2006) alerta para as mudanças na questão espacial, principalmente com o desenvolvimento do ciberespaço e chega a cunhar a expressão "urbanismo de redes". Na concepção dessa autora, a lógica de conexão distingue-se das lógicas tradicionais de articulação do espaço. Para Choay (2006), as redes permitem ao homem libertar-se das limitações espaciais. No entanto, ela alerta para duas consequências negativas do processo de rede. A primeira diz respeito à arquitetura, pois os edifícios passam a ser concebidos em conjunto. A segunda consequência é o desaparecimento progressivo das malhas e dos ambientes articulados e contextualizados.

Ao discutirmos o conceito de patrimônio digital não podemos deixar de analisar as proposições da professora Vera Dodebei. Para essa autora, "O conceito em uso de patrimônio digital tangencia a ideia de patrimônio virtual, quer dizer, o patrimônio intangível ou imaterial circulando na web, em contraposição ao conceito de patrimônio edificado, de 'pedra e cal'" (DODEBEI, 2005, p. 3). Além disso, ela afirma que é necessária a definição de um conceito aberto para o patrimônio digital, pois ainda é um assunto muito novo no nosso cotidiano (DODEBEI, 2011). Como encontra-se em construção, é preciso delinear as propriedades do patrimônio digital, pois, de acordo com a autora, o conceito sofre as "transformações produzidas pelas novas dimensões de tempo

e de espaço” (DODEBEI, 2008, p. 27). Dodebei distingue o virtual, ligado ao conceito filosófico de Bergson, do digital, ligado à cibernética e que tem em Lévy um defensor. A digitalização, ou seja, a transformação de um objeto físico em um objeto digital é o processo pelo qual um determinado patrimônio físico torna-se digital. Mas a autora afirma que “Ao transformar textos, sons e imagens em *bytes*, a digitalização facilita a compreensão de que a dicotomia do atributo matéria aplicado ao patrimônio é uma construção não essencial de natureza operacional” (DODEBEI, 2008, p. 28). Assim, Dodebei alerta para o fato de que a matéria física não é necessariamente essencial para a atribuição de valor patrimonial.

Se ainda discutimos como devemos preservar os patrimônios mais tradicionais, o que fazer quando se trata de patrimônio nascido digitalmente? A questão que se coloca é que o excesso de informação produzida e disponibilizada na *internet* através de *sites*, *blogs* e comunidades virtuais aponta para um excesso, como nos diz Huysen (2000), mas também há de se criar estratégias de preservação. Nesse caso, o patrimônio digital, assim como os patrimônios mais consolidados, sofre de acasos e fatalidades na sua preservação. Ao mesmo tempo em que sabemos que alguns acasos acabam por preservar patrimônios de “pedra e cal”, em outros casos, algumas fatalidades nos fazem perder parte de determinado patrimônio. Dessa maneira, acreditamos que uma das formas de preservação do patrimônio digital seja a da disseminação das informações em servidores diferentes.

Podemos falar de preservação da memória no *Facebook*?

Para entender o processo do uso do *Facebook* como espaço de preservação da memória fotográfica de jovens, elaboramos a seguinte pergunta para um grupo de jovens no *Facebook* (HENRIQUES, 2014): Você posta fotos

peçoais no *Facebook*? A maioria afirmou que posta suas fotos (19 respostas positivas e 3 negativas). Ao pedirmos para justificarem suas respostas, muitos deles afirmaram que o papel da rede social é justamente divulgar seus registros fotográficos (e no caso, a memória) para seu grupo de amigos. Entre as respostas positivas selecionamos algumas que julgamos interessantes:

Sim, tenho álbuns meus com diversos temas. Confesso que gostaria de criar mais. Acho interessante que meus amigos possam ver e acompanhar a minha vida através de fotos de eventos do meu cotidiano. J.M.

Posto fotos da minha gata, lugares que frequento, coisas que vejo na rua, etc. Posto para compartilhar esses momentos com meus amigos do *Facebook*. M.M.

Outra questão que queríamos explorar com os jovens é a compreensão sobre a preservação de suas imagens digitais. Para isso, efetuamos sete perguntas nas quais ele deveria responder qual era a postura frente a esta abordagem. A primeira delas tinha como objetivo entender qual era o equipamento utilizado para fotografar. Somente duas pessoas utilizavam câmera fotográfica, exclusivamente para fotografar. A maioria (12) usa, além da câmera fotográfica, celular e *tablet*. Oito jovens somente utilizam o celular para fotografar.

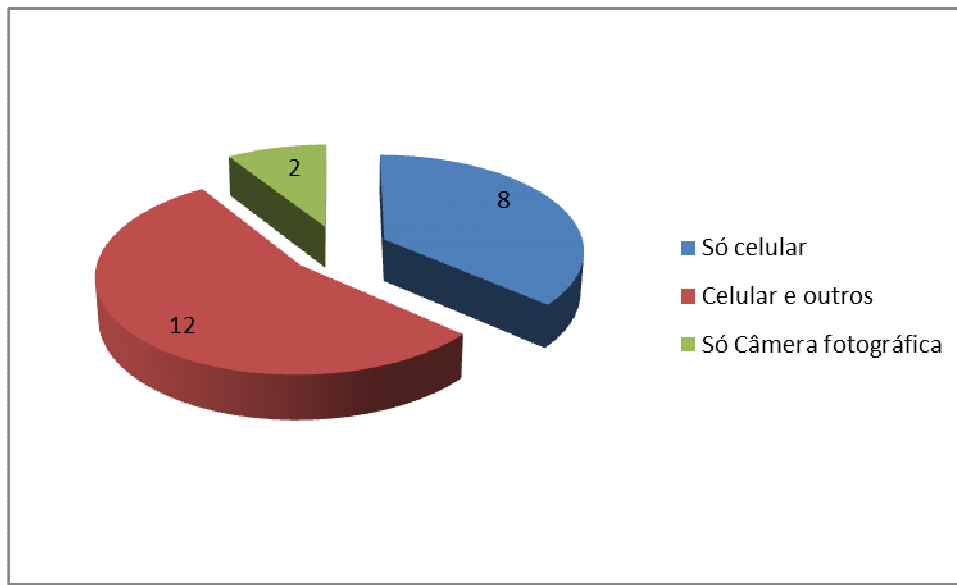


Figura 1– Equipamento utilizado para fotografar
Fonte: HENRIQUES, 2014

Dezenove dos jovens pesquisados postam suas fotos no *Facebook*, apenas três deles disseram que não expõe suas imagens na rede social. Sobre o acesso ao *Facebook*, a maioria dos jovens respondeu que acessa por computador (ou *notebook*, ou *tablet*), num total de 20 respostas, apenas 2 pessoas responderam que acessam somente pelo celular. Selecionamos algumas respostas daqueles que postam suas fotos:

Uma vez que é uma rede SOCIAL, logicamente formada por pessoas, fotos fazem parte do complemento visual para essa rede. Acho que a foto aumenta sua interação com as pessoas. L. M.
Não tenho nada a esconder dos meus amigos de *Facebook*, acho bacana postar algumas fotos. A. L.

Quando questionados sobre o que fazem com as fotos, apenas uma jovem disse que faz *backups* de suas fotos digitais logo que descarrega no computador. A maioria respondeu que salva no computador e posta, ou não, no *Facebook*, mas que não faz nenhum tipo de impressão em papel. A maioria

respondeu que não faz nenhuma espécie de *backup* de suas fotos digitais (14) e apenas 8 responderam que faz *backup* utilizando *drives* externos. Nenhum deles utiliza *softwares* de *backup*, tais como *Dropbox* ou *Picasaweb*. No entanto, ao serem questionados se salvam alguma foto em que foi marcado no perfil de um amigo, 7 deles responderam que sim, o que demonstra que para estes jovens o fato de salvarem em seu computador estão preservando as imagens. Como o questionário foi aplicado em meio às manifestações que assolaram o país no mês de junho de 2013, foi nosso interesse verificar se os jovens postaram no *Facebook* fotos de suas participações no movimento. Apenas quatro jovens responderam que sim à pergunta, sendo que cinco deles disseram que não participaram das manifestações.

Finalizando o questionário, perguntamos aos jovens o que significava o *Facebook* para eles. O objetivo da pergunta era entender se os jovens têm consciência de que suas memórias são registradas cotidianamente na rede social. Dividimos em dois grupos: os otimistas e os pessimistas. Consideramos 18 respostas otimistas em relação ao papel do *Facebook* e 4 pessimistas. Selecionamos algumas respostas que consideramos bem interessantes:

Otimistas

Representa uma mesa redonda de amigos que estão distantes fisicamente. Um estreitamento dos fatores externos a favor da continuidade dos relacionamentos, mas não substitui a presença física, apenas apazigua. L.S.

Atualmente é o meu maior canal de comunicação com o mundo. J. M.

Facebook é uma grande arma de relacionamentos, amizade, divulgação e diversão. É um grande meio da propagação da real informação, sem manipulação da mídia. A. L.

Um espaço de interação social no qual fortaleço vínculos em geral pessoais, também é uma plataforma na qual tenho a oportunidade de dividir conhecimento e experiências profissionais. G. R.

Pessimistas

Uma versão nova, aprimorada e modista de um *Orkut*. Nada mais do que pessoas interessadas na vida do próximo. G. M.

Bom, hoje em dia não significa nada, estou até pensando em desativar. E.D.

Já fui mais ativa no *Facebook*, mas as mobilizações virtuais não têm me entusiasmado muito. Uso o *Facebook* mais para saber de eventos e ler textos do que para discutir. Tenho a impressão de que o espaço para o debate diminuiu muito e os usuários estão cada vez mais fechados em seus grupos virtuais, sem abertura para discussão. Além disso, a censura e a possível venda de meus dados pessoais pela empresa me fazem pensar em sair da página. I. R.

É uma ferramenta útil para divulgar ideias e conhecer pessoas. Mas, apesar disso, dá pra fazer um uso bastante superficial e perder muito tempo com isso. J. D.

Conforme pudemos verificar, esses jovens possuem uma postura ambígua em relação ao *Facebook*. Se, por um lado, ressaltam a importância da rede social para a sua sociabilidade, ao mesmo tempo sentem que enquanto espaço de trocas, o aplicativo está esgotando as suas possibilidades, devido ao excesso de compartilhamentos.

Considerações finais

Quando uma pessoa posta fotos no *Facebook* (ou no extinto *Orkut*), inconscientemente ela acaba por ter uma atitude de preservação da sua memória, uma vez que suas fotos estarão preservadas nos servidores dessas instituições. No entanto, seria ingenuidade acreditar que essas instituições são instituições de memória, embora não se negue o papel delas na dinâmica da sociedade atual. As redes sociais são organizações privadas e que não tem como objetivo principal a preservação da memória social, mas a socialização e

comunicação entre seus membros. Nesse caso, qual seria o papel das tradicionais instituições de memórias, tais como museus e centros de memória na preservação do patrimônio digital? Primeiro, é preciso fazer uma diferenciação entre o que é patrimônio digital, nascido de uma digitalização de patrimônio, daquele nascido digital, tais como relatos e arte eletrônica. O patrimônio nascido digitalmente não possui rastros físicos além do digital, ou seja, são apenas códigos binários, *bits* e *bytes*. Trata-se, portanto, de um patrimônio cuja preservação é essencial. No entanto, com base em que critérios será feita essa preservação? Sabemos que políticas públicas demandam muito tempo de discussão e que a carta de 2003 é apenas o início da história. Não se trata somente de discutir a reprodução de acervos no ambiente virtual através de *sites* e museus virtuais, mas de preservar o que está sendo criado virtualmente.

Ao perguntarmos qual é, hoje, o papel dos media na construção da memória do mundo, a resposta não poderia ser outra: eles funcionam como instrumentos da amnésia ao promoverem o esvaziamento dos fatos. Mas para que estes não devassem tudo, o mundo cria memória viva porque precisa preservar o que tem, tornando-se num vasto museu. O instante cede à memória informática e a vida torna-se mediatizada, auto-referenciada. (MARCONDES, 1996, p. 309).

Assim como a memória pressupõe seleção, como nos afirma Todorov (2000), a preservação do patrimônio também precisa passar por um processo de seleção. Nem tudo será preservado. Mas como definir critérios do que é preciso ser preservado no conjunto do patrimônio que nasceu digital? Do ponto de vista pessoal, os nossos registros fotográficos efetuados diretamente através de um celular e postados no *Facebook* ou no *Instagram*, por exemplo, são rastros de nossa existência e que estão apenas no formato digital.

O uso que as pessoas fazem da *internet* e, conseqüentemente das redes sociais, está em constante mutação, por isso o que prevalece neste momento é

a síntese do que pesquisamos e as conclusões a que chegamos. Este é um retrato do dia de hoje, do ano de 2014. Como o *Facebook* estará sendo utilizado nos próximos anos, se ele continuará existindo e de que forma as pessoas irão lidar com as questões de lembrança e esquecimento na *internet* é algo que, no momento, pertence ao escopo da futurologia. Alguns especialistas já vaticinaram o fim do *Facebook*, tal como vaticinaram o fim do *Orkut* (LONDON, 2013). No entanto, é preciso esclarecer que as atitudes dos jovens frente às redes sociais não se encerram quando um *site* deixa de existir ou se esvazia, como no caso do *Orkut*. Se há ou não um esgotamento das redes sociais, isso é parte do processo de transformação constante da *internet*, uma mídia em constante mutação. As atitudes que resultam do uso das redes sociais é que nos interessa analisar, e não outra rede social, em específico.

Os diários íntimos de adolescentes, que eram moda em outros tempos, foram trocados pelos relatos nas redes sociais. Nesse sentido, os jovens mudaram não só o formato dos diários, mas também a privacidade deles, o que nos diários íntimos pertencia ao escopo do privado, nas redes sociais pertence ao escopo público. A publicização da vida privada, efetuada através dos registros do cotidiano no *Facebook*, traz para o campo da preservação da memória um fator a considerar: a preservação, pela disseminação ou compartilhamento. Se, de fato, poucos diários sobreviveram às gerações que os produziram, os registros de memória no *Facebook*, a princípio, terão mais probabilidade de se eternizarem devido à sua multiplicidade de compartilhamentos. Nesse sentido, a ação de registro dessa memória, para além da própria ação de registro, torna-se parte do processo de preservação da memória. O compartilhamento de um registro, seja nas redes sociais, nos *blogs* ou em *sites* de armazenamento e distribuição de mídias digitais (tais como *Flickr* e *YouTube*) geram, como efeito, a "viralização" e, conseqüentemente, a

possibilidade maior de preservação desses registros. Se pensarmos neste tipo de redundância ou excesso, o *Facebook* seria um “lugar de memórias”, tal como preconiza Nora (1994), pois é um lugar de encontro, de afetividades, de trocas e, sobretudo, de memória. Diferentemente dos museus virtuais, em que há uma intencionalidade preservacionista, e o patrimônio é o foco de sua atuação, o *Facebook* é um lugar dessa memória efêmera, produzida, registrada e compartilhada em tempo real. O conteúdo gerado por esta imensidão de perfis nas redes sociais está sendo armazenado em seus servidores, possibilitando aos pesquisadores fazer uma espécie de arqueologia digital dessa memória registrada. Assim também, o excesso, que tanto preocupa Huysen (2000), serviria ao propósito da preservação dessa memória registrada em seus servidores, pois quanto maior for o número de compartilhamentos de registros, maior será a possibilidade de que estes sejam descobertos.

Referências

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica. In: **Magia e técnica, arte e política**. Obras escolhidas vol.1. São Paulo, Brasiliense, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 7ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CAMPOS, Marta. **O desejo e a morte nas Memórias de Pedro Nava**. Fortaleza, Edições UFC, 1992.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *O patrimônio como categoria de pensamento*. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

CHAGAS, Mário. Em busca do documento perdido: a problemática da construção teórica na área de documentação. In: **Museália**. Rio de Janeiro: JC. Editora, 1996. p. 37-52.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. 3ª ed. São Paulo: Estação Liberdade, UNESP, 2006.

DODEBEI, Vera. *Patrimônio digital: foco e fragmento no movimento conceitual*. In **Proceedings CINFORM**. VI Encontro Nacional de Ciência da Informação. Salvador, 2005. Disponível em: <http://dici.ibict.br/archive/00000500/01/VeraDodebei.pdf>. Acesso em: 04/03/2014.

DODEBEI, Vera. *Digital virtual: o patrimônio no século XXI*. In DODEBEI, Vera; ABREU, Regina (org). **E o patrimônio?** Rio de Janeiro: Contra Capa/ Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Unirio, 2008.

DODEBEI, Vera. Memória e patrimônio: perspectivas de acumulação/dissolução no ciberespaço. In: **Aurora**: revista de arte, mídia e política. Nº 10: 2011. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/4614>. Acesso em: 17/03/2014.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, Campinas: Fapesp, 1994.

GARDE-HANSEN, Joanne. *MyMemories?: Personal Digital Archive Fever and Facebook*. In: GARDE-HANSEN, Joanne; HOSKINS, Andrew; READING, Anna. **Save as... digital memories**. London: Palgrave Macmillan, 2009.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *O patrimônio como categoria de pensamento*. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.

GUBERN, Román. **Del bisonte a la realidad virtual**: la escena y el laberinto. 2ª ed. Barcelona: Editorial Anagrama, 1999.

HARTOG, François. Patrimoine et histoire: les temps du patrimoine. In: ANDRIEUX, Jean-Yves (org). **Patrimoine et Société**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1998. p. 3-17.

HENRIQUES, Rosali Maria Nunes. Os rastros digitais e a memória dos jovens nas redes sociais. Tese de Doutorado em Memória Social. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2014.

HERNANDEZ, Francisca. **El patrimonio cultural: la memoria recuperada.** Gijón: Ediciones Trea, 2002.

HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LEROI-GOURHAM, André. **O gesto e a palavra.** Vol 2. Memória e ritmos. Lisboa, Edições 70, 1983.

LONDON, Jack. **Adeus, Facebook:** o mundo pós-digital. Rio de Janeiro: Valentina, 2013.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna.** Lisboa: Gradiva, 1989.

MARCONDES, Ciro F. (org). **Pensar-pulsar.** Cultura comunicacional, tecnologias, velocidade. São Paulo, Edições NTC, 1996.

MORLEY, Helena. **Minha vida de menina.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MURRAY, Janet. **Hamlet no Holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço.** São Paulo: Instituto Cultural Itaú/Unesp, 2003.

NEGROPONTE, Nicholas. **Ser digital.** Lisboa: Caminho, 1996.

NORA, Pierre. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. In: **Les lieux de mémoire.** Vol. 1. La République. Paris : Gallimard, 1984. p. XV-XLII.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita.** Campinas: Papyrus, 1998.

SANTAELLA, Lucia. As linguagens como antídotos ao midiacentrismo. **Matrizes.** São Paulo, ano 1, número 1, jul.-dez. 2007, pP. 75-97.

TODOROV, Tzvetan. **Los abusos de la memoria.** Madrid: Paidós, 2000.

VIRILIO, Paul. *O paradoxo da memória do presente na era cibernética*. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana**: comunidades e comunicação na era das redes. Porto Alegre: Sulina, 2006. pP. 90-104.